

TAIWAN

Presidente eleito quer mais autonomia

O candidato governista Lai Ching-te, vitorioso nas eleições, tem um discurso de independência, gerando reações imediatas da China que insiste no domínio da região ao definir a eleição como uma escolha de “guerra e paz”

» CORREIO BRAZILIENSE

A vitória de Lai Ching-te como novo presidente de Taiwan, que obteve 40,05% dos votos válidos (5.586.019 votos), deixou as autoridades chinesas em alerta numa eleição definida de escolha entre “guerra e paz”. O atual vice-presidente promete defender a identidade e a autonomia taiwanesa, contra a reunificação com a China. Em maio, ele assume o governo e planeja manter o fortalecimento militar diante das crescentes ameaças de Pequim de recorrer à força. Mas também se disse aberto ao diálogo.

Ching-te no poder em Taiwan virou tema na imprensa internacional, como os jornais *Le Monde*, *Financial Times* e *El País*, uma vez que a China avisou que não vai abdicar do território, abrindo espaço para um ambiente de tensão. De acordo com o jornal *New York Times*, o governo chinês avisou que o presidente eleito pode levar Taiwan “para um caminho sem volta”.

Apesar de amenizar o discurso nos últimos meses, Lai Ching-te causou preocupações em Pequim, que o definiu como uma “fonte de perigo e guerra” no estreito de Taiwan. Pouco

depois do anúncio dos resultados das eleições, o governo chinês reafirmou que a “reunificação é inevitável”.

“Estamos determinados a proteger Taiwan das intimidações e ameaças contínuas da China”, disse Lai Ching-te em seu discurso de vitória. Ele se comprometeu a manter a paz e a estabilidade na região. China e Taiwan estão separados de fato desde 1949, quando as tropas comunistas derrotaram os nacionalistas na guerra civil, refugiando-se na ilha, onde estabeleceram um regime que se transformou em uma democracia em 1990.

Durante a campanha, o presidente eleito reforçou sua posição de que Taiwan “já é independente” e que não precisa de uma declaração formal de separação. Também se mostrou aberto à comunicação com Pequim, mas sob condições de paridade e dignidade e alertou que não pretende sacrificar a soberania da ilha para estreitar laços por questões econômicas. “A paz sem soberania (...) é uma falsa paz”, frisou recentemente.

Apesar de não reconhecerem Taiwan como Estado e considerarem a República Popular da China o único governo legítimo, os Estados Unidos fornecem à ilha

AFP



Com um discurso firme e determinado, o governante assume em maio, sinalizando abertura ao diálogo com Pequim, e contra a reunificação

ajuda militar. Ainda ontem os norte-americanos parabenizaram Lai Ching-te pela vitória na corrida eleitoral. “Não apoiamos a independência”, declarou o presidente

Joe Biden à imprensa, após o anúncio do resultado.

Pouco depois, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, parabenizou Lai

Ching-te e a população de Taiwan. “Os Estados Unidos felicitam o dr. Lai Ching-te por sua vitória na eleição presidencial de Taiwan. Também felicitamos

o povo de Taiwan por demonstrar, mais uma vez, a força de seu robusto sistema democrático e de seu processo eleitoral”, afirmou Blinken.

IÊMEN

Novo ataque intensifica conflito

» CORREIO BRAZILIENSE

Um novo bombardeio atingiu ontem a cidade portuária de Hodeida, no Mar Vermelho, a oeste do Iêmen, após rebeldes huthis terem lançado um foguete do local. O grupo controla as Forças Armadas do país desde 2014. O ataque é atribuído aos Estados Unidos e ocorre um dia depois de vários bombardeios contra o grupo acusado de ameaçar o tráfego marítimo.

Os huthis controlam parte do

Iêmen e fazem parte do autoprotelado “eixo de resistência”, que inclui o Hamas, o Hezbollah libanês e outros grupos armados hostis a Israel. A atividade desses movimentos no Iêmen, no Líbano, na Síria e no Iraque aumentou desde a eclosão da guerra em Gaza no início de outubro de 2023.

Autoridades norte-americanas informaram que se trata de “uma ação de acompanhamento de um alvo militar específico”, relacionado com os ataques da

véspera. De acordo com os huthis, o ataque atingiu a base aérea de Al Dailami na capital do país, Sanaa, sob controle do grupo que tem apoio do Irã.

Esses bombardeios contra o Iêmen aumentam os temores de uma conflagração regional da guerra entre Israel e o movimento radical islâmico Hamas na Faixa de Gaza. Estados Unidos, Reino Unido e oito aliados disseram que a operação, ocorrida há dois dias, visa “desescalar

as tensões” e “restaurar a estabilidade no Mar Vermelho”, após os inúmeros ataques dos huthis nessas águas.

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, pediu aos envolvidos para “não agravarem” a situação volátil na região, disse seu porta-voz. Na sexta-feira, o Conselho de Segurança da ONU fez reunião de emergência para adotar uma resolução exigindo que os huthis parem de atacar navios no Mar Vermelho.

AFP



Os huthis se organizam para reagir ao bombardeio à cidade

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

ESCRITORES E A POLÍTICA INTERNACIONAL

Pobre, mas contente, é rico o suficiente, diz um velho ditado. Para quem gosta de ler, boa recordação traz esperança. Estamos nas férias escolares brasileiras, vendo o Equador em estado de sítio, dominado pelo narcotráfico e a criminalidade; enquanto a África do Sul, cavando canais para ampliar a crise, faz malabarismo político com a dor dos outros e manipula o Tribunal de Haia contra Israel. No mundo sem paz de espírito, não se fingem as cóleras.

Mas a política internacional também é feita de literatura, onde quem não tem talento não engana. Então, compartilho com os leitores opiniões de alguns dos grandes nomes da literatura mundial no Século 20. São entrevistas feitas pela revista *The Paris Review* — de língua inglesa, fundada em Paris, com sede em Nova York — ao longo de vários anos, e publicadas no Brasil pela Companhia das Letras.

Jorge Luís Borges, por exemplo,

pensa que não se deve julgar um escritor por suas ideias. Ele deve ser julgado pelo prazer que proporciona e que se tem com ele. Quanto às ideias, não é tão importante se um escritor tem essas ou aquelas opiniões políticas porque uma obra boa se realiza apesar delas. Uns veem o mundo como um museu de diamantes, outros uma coleção de esquisitices.

Certa vez, um repórter me perguntou se a morte daquele, cujo nome não quero me lembrar, influenciaria minha obra. Borges, que via em Peron o mal maior da Argentina, riu e disse: vivo, já o tinha morto. Considerava o nacionalismo político um erro — porque se alguém gosta de uma coisa em detrimento de outra é porque não gosta dela realmente. Não se ama a Inglaterra em detrimento da França.

As opiniões de Amóz Oz, escritor de Israel que morava no deserto perto de Jerusalém, são de 1966 e totalmente atuais. Muita cor local, muita política

local, são mortais para o romance. As situações, o enredo, são mais importantes do que os personagens. Para os personagens se tornarem universais é preciso, porém, que estejam enraizados no local pensando o simples, o mais universal. Mas o leitor também existe e, para um escritor, como eu, de uma das partes mais conturbadas do mundo, tudo é interpretado alegoricamente. É ilusório achar que existe uma ocupação militar suave e desconfio da sinceridade da sensibilidade moderna de querer politizar tudo no campo dos direitos civis. Usar a literatura como alegoria política, retira seus matices e põe em relevo o radical. Se, em romance meu, mulher israelense namora um árabe, desagrado os dois lados. Se *Moby Dick* fosse escrito por Vargas Llosa, as pessoas diriam que a baleia é um ditador sul-americano.

W. H. Auden, poeta anglo-americano, considerava-se alheio à influência eletrônica. Não dava entrevista

gravada pois achava que, se algo ditasse a pena, o repórter seria capaz de lembrar. E contava a história do escritor Truman Capote, que, diante de um repórter cujo gravador emperrou no meio da entrevista e sem conseguir consertá-lo, sugeriu que ele anotasse. Não, vamos encerrar a entrevista. Nem perco tempo porque, depois que surgiu o gravador, não estou acostumado a ouvir o que diz o entrevistado. Vinte anos antes do celular, a mesma antipatia tinha pela máquina de retrato: se você cruza na rua com alguém caído, nem tenta ajudar, quer é fotografar. Tinha também restrições ao sistema eleitoral. Como todos os políticos são iguais, nossos líderes deveriam ser eleitos por sorteio. As pessoas não conhecem mais o significado das palavras. As artes nada podem fazer. A história da Europa seria exatamente a mesma se Dante, Shakespeare, Michelangelo, Mozart e Cia. nunca tivessem existido. A responsabilidade política do escritor é usar corretamente a língua materna e não deixar as palavras perderem o sentido.

Primo Levi, cientista e escritor italiano, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, dava ao recato nas relações pessoais e políticas a dimensão de uma relíquia. Sem alimentar hostilidade, ressentimento ou ódio, sua obra é um retrato dos seus hormônios delicados. Jamais fiquei irado, mesmo não sendo capaz de perdoar. Não é uma virtude minha; é um defeito. É o hábito de ter sempre uma segunda reação antes da primeira. É o descaso com as leis e os costumes que nunca permitiram à Itália forjar uma classe política digna do nome. Nossos piores males são as escolas e a política, onde nossos professores e líderes ensinam sem ter aprendido. Quem abandona a cultura e se dedica à luta política a vida toda, precisa que sempre exista confronto. Meu sentimento em relação ao ativismo político é ambíguo. Admiro as pessoas capazes de enfrentar qualquer situação. Mas não aquelas que acham que política é guerra e que a guerra jamais acabou.

PAULO DELGADO, sociólogo